

SILVIA MIGUENS

CATARINA, A GRANDE

A VIDA APAIXONANTE DA IMPERATRIZ
DE TODAS AS RÚSSIAS

Tradução
Inês Guerreiro e Renato Neves

Em jeito de prólogo

Diz-se que há homens em cujas vidas pode ver-se o espírito do seu tempo. O meu tempo é o século XVIII, tal como este século é a minha vida. Claro que não é fácil ser mulher num mundo pensado por homens. Todavia, no meu caso, ser mulher não foi um problema.

Foi-o, sim, a solidão. Embora a solidão não seja produto do espírito do tempo, ou do facto de se ser homem ou mulher. A solidão é um destino, uma marca, uma característica hereditária ou qualquer coisa como uma malformação congénita. Mais adiante, o ambiente complementa o quadro e joga com o facto de se ser homem ou mulher e com a solidão.

Porém, não podemos deixar de considerar que em certas épocas, como neste século onde me foi dado ser e habitar, o espírito do tempo foi produto de um homem: Voltaire, segundo dizem. E de mais alguns outros. Tive a sorte de relacionar-me muito de perto com os que considero os criadores do século XVIII: Voltaire, Frederico da Prússia, Pedro, *o Grande*; além disso, quis a sorte que – nascida num prin-

cipado alemão em decadência – uma mulher como eu, nessa época fraca, abatida e acanhada, pudesse suceder ao trono da Rússia de Pedro, *o Grande*.

Mais cedo do que o esperado, herdei o seu cetro e o amor do seu povo. Também o ódio. Mas com o ódio soube sempre lidar; como não compreender o inimigo, as suas fraquezas, as suas misérias, a sua inteligência precisamente atenta e ao serviço do ódio? Se se pretende ser um bom governante, é imprescindível conhecer os movimentos que fomentam o ódio e a mesquinhez do poder.

Não é simples ser mulher, viver rodeada de desprezo, maledicência e intrigas, e decidir aprender com o inimigo, o mais eficaz dos mestres. Relativamente aos que me amaram, ou disseram amar-me, tenho de reconhecer que, tal como eles, fui sempre um pouco tola no amor.

Naqueles primeiros dias da minha infância, pude reconhecer não apenas o ódio e algo do amor, mas também a genealogia dos reis e dos príncipes, de quem a minha mãe era admiradora. Não me foi difícil – a princípio na sua companhia e depois só – aprofundar esta confraria, cujos laços de sangue atravessam e traçam fronteiras. Foi, por isso, simples entrever de perto e tomar parte nas infinitas alterações do eventual contorno dos mapas. Não apenas do mapa deste velho mundo, como também desse outro que passaram a chamar «Novo Mundo», porque o general Francisco Miranda, com quem tanto partilhei e debati, completa a quadratura perfeita com esses homens que mudaram a História do Mundo durante o século XVIII.

A sorte não é tão cega quanto parece. Na maior parte das vezes é o resultado de medidas fortes e específicas – não entendidas pela gente comum –, que precederam o facto. É também, mais especialmente, um resultado das

qualidades de caráter e da conduta pessoal: considere e defendi estas circunstâncias.

Nasci a 21 de abril de 1729 em Stettin, na Pomerânia, e nesses tempos era conhecida por Figchen. Assim me chamava a minha ama Babet Cardel e o meu tio Jorge Luís. Apenas eles. O meu pai, a quem via com menos frequência, achava-me um anjo e dizia que eu era o seu anjo da guarda. E pode ser que assim fosse, porque, depois de uma porta a bater com força, ouvi uma discussão entre os meus pais, ficando eu a saber que fui concebida por Joana-Isabel Holstein-Gottorp, com quinze anos, e por Frederico II, então com dezasseis, e como aquele casamento não era conveniente para o futuro rei da Prússia, casaram a minha mãe com Cristiano Augusto de Anhalt-Zerbst, que tinha o triplo da sua idade e era um obscuro príncipe de um não menos obscuro principado alemão.

Assim, para o príncipe de Anhalt-Zerbst acabei por ser um anjo da guarda, pois esta adoção, bastante comum por esses dias e ainda hoje, valeu-lhe a sua ascensão a major general do Exército prussiano e o beneplácito de Frederico, tudo em troca nada menos do que uma família. Cristiano Augusto rodeou-nos de amor, ternura, segurança, embora nunca tenha conseguido contentar a sua esposa. A jovem mãe considerava que, devido à sua beleza e por pertencer à casa ducal dos Holstein-Gottorp, teria outro futuro, mas a pequena e inesperada presença da recém-nascida tinha-lhe retirado o seu direito a aspirar à coroa da Suécia, pelo que não se ocupava muito de mim. Para a minha mãe, Joana, eu, sua filha, além de inoportuna, era uma menina feia e endiabrada, que a impediria não só de ambicionar qualquer reinado, como também de ser a mãe regente de uma formosa menina casadoira. No entanto, como é costume acontecer

com todas as mães, Joana-Isabel nunca soube muito de si própria e enganou-se nas suas percepções sobre a sua própria filha Figchen, ou Sofia Frederica Augusta, ou Catarina, *a Grande*. Na realidade, nunca me conheceu.

Capítulo 1

*Creio que, no máximo, me toleravam.
Frequentemente repreendiam-me com paixão e com vigor,
e nem sempre com justiça.*
Figchen

Quanto a mim, nunca deixei de me ver a mim mesma como Figchen. Mesmo nos meus momentos de glória como a czarina de todas as Rússias, e rodeada dos adúladores do costume, sempre me senti Figchen. É que, graças à minha ama Babet Cardel e ao meu tio Jorge Luís, irmão mais novo da minha mãe, aprendi a contar apenas comigo mesma, brindando-me com a minha própria ternura. Durante muito tempo, esforcei-me por ser o principal objeto do meu amor e de todos os meus prazeres. Dei-me um dia conta de que, apesar de tudo o que sofri, nasci demasiado orgulhosa, e a sensação de poder ser infeliz era-me insuportável.

Nisso, lamentavelmente, padecia do mesmo medo da minha mãe, embora com diferenças muito grandes. Nada foi simples para mim, porque, insisto, não é fácil ser mulher, nem sequer para alguém que desde muito antes do primeiro grito, ao nascer, já ostentava na palma da mão as linhas do poder e a sua condição de imperatriz. Assim disse à minha mãe um velho sacerdote com quem se costumava fechar a debater sobre o futuro e que, certo dia, lendo as linhas da minha mão, comentou que via nelas as três coroas.

A minha mãe riu-se ao ver-me na minha cadeira, um pouco inclinada, porque eu era assim, com um ombro mais elevado do que o outro. Imperfeita, deformada e carente de ternura. As carícias foram, e são, a minha maior carência e a minha maior sede. Uma sede que costuma queimar-me a garganta e todo o meu ser, com uma paixão para a qual nunca encontrei lenitivo, salvo talvez no exercício do poder. Mas como falar de mim própria e desde tempos tão remotos?

– O que me diz? Sofia, uma czarina?... – perguntara a minha mãe ao sacerdote.

– As linhas da mão nunca mentem, Joana, mas, se não acredita nas palavras do seu confessor, deveria confiar no olhar da sua filha. Por acaso nunca reparou no seu olhar?

– É tão diferente das outras meninas. Não creio que isso nos seja favorável. A menos que nas suas mãos possa decifrar alguma outra linha que mostre submissão, ou pelo menos cortesia.

– Não estou a falar de quiromancia, Joana; pergunto-lhe se alguma vez olhou para o fundo dos seus olhos... É aí onde a menina mostra o seu poder...

Recordo que, também nessa ocasião, Joana não me olhou nos olhos. Evitava o meu olhar, e não respondeu, porque, depois de bater à porta, Babet entrou. Vinha acompanhada por um homem de estatura pequena e com as maçãs do rosto firmes; o resto tinha um aspeto frágil, as mãos ossudas, os dedos fracos e um pouco curvos. As unhas bem cortadas, certamente por tê-las roído e não tanto atendendo à formosura. No entanto, mantinha os ombros e a cabeça erguidos. Trazia o cabelo atado por um cordel. A mancha que lhe rodeava um dos olhos, de um azul desmaiado, estendia-se pelo pescoço e debaixo da camisa.

Saudou apenas com um aceno. Babet pegou numa das minhas mãos e colocou a sua sobre o meu ombro. Como se dessa forma quisesse ocultar as minhas imperfeições, ou desorientar o homem para que fosse rápido e sem me tocar.

– A senhora dirá o que precisam de mim – declarou o homem.

– É por causa da minha filha. O boticário aconselhou para que seja o senhor a tentar endireitar a minha filha...

– Tentá-lo-ei apenas relativamente aos ossos. Põe-te de pé, rapariga.

– Vamos, Figchen... – murmurou Babet.

– Preciso de a ver sem roupa. Há por aí algum espelho?

– É melhor ir-me embora – disse o sacerdote, saindo rapidamente da sala.

Babet retirou-me o vestido e as anáguas. Cada uma das minhas protuberâncias salientava-se ainda mais naquele esqualido corpo de menina. O homem colocou-se atrás de mim, ambos virados para o espelho. Observando-me por detrás e pela frente ao mesmo tempo, analisava a minha falsa simetria. O meu ombro direito estava mais alto do que o esquerdo, a coluna vertebral zigzagueava e o flanco direito parecia esvaziado, já para não falar nos seios, assimétricos como toda eu era.

O homem pediu-me para me manter quieta e direita. Mas como manter essa posição, nua frente ao espelho e perante um desconhecido? Levantou um dos meus braços e deixou-o cair. Levantou o outro e soltou-o. Segurou os dois contra os meus flancos. Pareceu enfadar-se quando sorri, ou talvez se tenha incomodado pelo meu estremecimento com o contacto das suas mãos frias. O meu aspeto no espelho era desastroso.

O enfado no olhar da minha mãe era quotidiano; embora, por vezes, espiando-a de um canto escuro do seu quarto, podia ver como se observava a si própria ao espelho, e o ressentimento nos seus olhos parecia atenuar-se; especialmente quando soltava os cabelos. Então – acho que mais pela sensação de liberdade do que por saber-se tão bela –, por um instante os seus olhos adquiriam brilho.

O homem ergueu os meus dois braços ao mesmo tempo; gritei, e nesse preciso momento a minha mãe pôs-se de pé.

– Ocupa-te do resto, Babet.

Babet assentiu com um gesto impreciso.

Quando a minha mãe fechou a porta atrás de si, e enquanto os seus passos se afastaram pelo corredor e pela escada, deram, uma a uma, quatro badaladas de relógio. No pátio, uma brincadeira de crianças alvoroçou as pombas. Aquele bulício atraiu a minha atenção; como era melhor o alarido da brincadeira das crianças, os cascos dos cavalos e as rodas de um carro respingando nos charcos, do que o piano da minha mãe com os seus monótonos acordes.

Nesse momento, porém, vendo-me ainda com os braços erguidos e a rosada auréola dos meus seios exposta no espelho aos olhos do homem, só me tranquilizava a presença próxima de Babet. Ela estendeu um lençol sobre a mesa e ajudou a deitar-me, tal como o homem lhe tinha pedido. Ouvi ainda mais fortemente a gritaria das crianças no pátio e na rua, onde deveriam estar Alexander e a pequena Gigi, Gabrielle e a sua irmã Betsy e todos os outros esperando por mim.

O homem, entretanto, fazia uns retoques no espartilho, que tinha pendurado nas costas de uma cadeira pequena. Ajustando colchetes, cintando em vários sítios e sobre todo o corpo com um entrançado semelhante à cota de malha

das armaduras que ainda se conservavam no sótão. Estendida sobre a mesa, agarrava com força a minha mão, que Babet deixou aberta sobre o meu peito para que não tremesse; com essa habitual ternura do seu olhar sugeria-me paciência. Quando o artefacto ficou terminado, Engelhardt – assim se chamava – colocou-o por cima de mim e passou os meus braços como através de um casaco sem mangas, atou algumas das tiras às minhas coxas e às virilhas; pediu a Babet que o ajudasse a voltar-me sobre a mesa. Foram prendendo os últimos atilhos. Não me lembro quantos eram, mas eram os suficientes para que o momento se tornasse lento, doloroso, inesquecível.

Mas então, quando me aprisionou com o espartilho que equilibrava a altura do meu ombro esquerdo com a do direito, a dor fez-me desfalecer. Desmaiei, e durante muito tempo tudo perdeu o sentido e a noção de liberdade.

Como em sonhos, quando o homem cingiu as últimas tiras, ouvi Babet perguntar-lhe o que tinha sentido ao decapitar Volker Vogel.

O homem riu estrepitosamente enquanto eu recuperava os sentidos.

– Não importa nada decapitar o condenado – disse –, como não importa a dor desta menina quando tento pôr os ossos em ordem. Ambas as coisas, e tantas outras piores, como a própria vida, são inevitáveis. Não estou cá para julgar ou decidir. Quando se acusa, se condena e se decapita alguém, esse crime foi julgado por quem aplica a lei. E se ouço à minha volta gritarem que sou um «verdugo» ou um «assassino», sei que isso faz parte das regras do jogo; apenas cumpro o trabalho que me é pago, tal como agora para endireitar o que está torto nesta menina. E ela é muito forte... Olhe para os seus olhos.

– Não duvido da força da Figchen, só não consigo imaginar como o senhor pode decapitar ou enforcar alguém com a mesma naturalidade com que coloca este espartilho.

– Tenho de dar de comer aos meus filhos.

– Não chega como razão.

– Com o meu trabalho de verdugo evito que os cidadãos comuns se vejam na necessidade de fazer justiça por suas próprias mãos. Não é bom para ninguém carregar na sua consciência com uma execução sumária às mãos do povo ou um homicídio, que acabaria por não ser justiça, mas sim vingança.

– E como sabe o senhor que com a morte de um ser humano se exerce a justiça? Como saber se esse «ato de justiça» não é um simples ato de injustiça?

– Babet... – interveio o tio Jorge Luís, que acabava de entrar.

– Diz bem – acatou o homem. – Nada sei. É impossível saber, e também não é essa a minha função. Vejamos se a menina se consegue pôr de pé.

– Talvez se devesse dedicar a cuidar dos cavalos de quem governa, e conformar-se em ser mais um peão das suas cavaliças, limpar-lhes as botas, lavar e pentear as perucas.

– Também o posso tentar, se me pedir algo assim. Se fosse suficiente para dar de comer aos meus filhos, faria uma coisa e não a outra... – confirmou. E foi a última coisa que ouvi.

Não sei o que mais disse Babet. Ou não me lembro. Ou talvez tenha esquecido. Provavelmente, voltei a desmaiar quando compreendi que aquele homem de aspeto franzino, Boris Engelhardt, era o verdugo de Stettin e arredores, e regressaria a meu lado, durante vários anos, a cada doze dias, para que me pudessem fazer a higiene, enquanto ele,